



Fundado em 8 de junho de 1978

Presidente: Lothário Horst Stoltz Júnior

ESCALADA

CLUBE PARANAENSE DE MONTANHISMO — Associação Civil de Utilidade Pública — Lei Estadual 7.895 de 6/8/84

BOLETIM INFORMATIVO BIMESTRAL Nº 06 — Sede Social — Rua Dez. Westphalen, nº 15 — 16ª andar — Curitiba, Paraná

MAIO/JUNHO 1985

EDITORIAL

Escalar!

Por qual vitória?

Não me sentiria inteiramente vivo do sem antes testar todos os meus recursos, físicos e emocionais. Todo aquele que escala com método e segurança, chega junto ao seu objetivo.

Nesse momento em que assumo a presidência do Clube Paranaense de Montanhismo, tenho a certeza de que estou no meio de montanhistas que escalam com método e segurança, a vitória é o amor pelas montanhas.

Tenho a certeza de que não estou assumindo tal responsabilidade sozinho, afinal "nós" o CPM, somos um grupo, grupo este que representa uma grande parcela do montanhismo paranaense e brasileiro, e é este grupo unido que fortalecerá a consciência do amor, da preservação, com métodos e segurança. Sem união, sem método e sem segurança não chegaremos ao cume.

Temos por objetivo, aprimorar o montanhismo técnico, esporte simples porém criando assim novos amantes da natureza.

A vida atual é uma das mais difíceis escaladas, temos que achar as agarras certas, as fissuras, as brexas e por elas seguirmos nossos caminhos até o cume ou até a desistência. Às vezes desistir é ato sábio. Procurar melhores agarras para progredir com segurança.

Conto com vocês para essa luta.

Preservando, escalando, caminhando, ensinando, aprendendo, vivendo, amando.

Vamos à luta!

Kikko

Presidente do CPM

ALGUMAS PONDERAÇÕES ACERCA DO MONTANHISMO

Prof. Erwin Gröger

"Porque você escala aquela montanha?" — "Porque ela está ali". — "Então é uma coisa inútil!" — "Sim, mas uma inutilidade gostosa, educativa, sadia." — "Mas, que esporte esquisito!". "Muito mais que esporte, é uma paixão!"...

Assim em diante poderia-se enumerar diálogos esclarecedores acerca de nossa atividade predileta: perambular na natureza, apreciando-a, protegendo-a, e enfim, amar desta forma a Pátria.

Bem, esta é a faceta idealística. A execução prática exige porém condições várias para um sucesso positivo: preparo (físico, moral e mental), equipamento adequado, aprendizagem, disciplina, consideração para com o próximo, autocrítica entre outras; e... claro, coragem.

Em 66 anos de montanhismo praticado, a gente acumula certa experiência; e, se experiência é a soma de nossos erros e enganos, convém dar para frente, ensinar, afim que a nova geração aproveite, evitando vezes inúteis.

Será esta a meta das ponderações seguintes, nada mais!

Começemos pelo corpo humano e seu preparo: corrida, ginástica apropriada, visando tanto musculação como resistência, higiene e, sobretudo, um cuidado especial com os pés, porque o montanhista anda, anda... anda até com fome. Esperem, não esqueci a parte de nutrição, já vai até lá!

Então os pés: unhas cortadas, asperezas lixadas, rachaduras tratadas adequadamente (p.ex.: Hipoglós c/hidrocortisona, se as rachaduras forem oriundas de uma disfunção metabólica), untar com sebo (de qualquer origem animal). Se tiver ferimento, recorte um anel de algodão, de carpê, de qualquer coisa, que deixe a ferida sem pressão, e cola por cima do dodói. O Sapato faz pressão algures? Chumaco, nem que seja de papel jornal, nas partes imediatamente adjacentes, entre uma meia e a outra. Frio? Use dois pares de meias normais, e entre eles uma folha de papel jornal, em bico; assim: pise nela em diagonal, dobre primeiro o bico em frente dos dedos dos pés; depois o bico do lado de dentro do pé, e enfim o lado de fora por cima. Calce agora o segundo par de meias. (O mesmo sistema pode ser aplicado nos braços, no peito, etc.; mau condutor que é, o papel ajuda a segurar o calor do corpo).

Molhou as meias (ou outra peça de vestimento interno, tendo acampar fora? Ponha a peça durante a noite diretamente no peito; ela secará até certo ponto e não prejudica a saúde!

Molhou os sapatos, especialmente de solado de borracha? Aí é diferente: pode usar os tenis (ou topa-tudo ou o que for) como travesseiro, mas arranca fora dos pés, quando repousa! O que tem que ser esquentado são os pés e os rins! — E, claro, o motor do corpo, isto é o tronco.

Agora as mãos: treinadas para o frio, embora fossem, em temperatura abaixo de zero, precisam de luvas — de preferência de lã. Nas simples caminhadas é só. Querendo evitar ferimentos por espinhos etc. luvas baratas de algodão são suficientes. Em altitudes maiores (Andes p. ex.) impõe-se usar dois pares, o externo de lona adverso à humidade. Uma dica: Você tem que tirá-las de vez em quando, não? Suponhamos em rocha ou neve expostas, com vento de rallye; Se uma voa, adeus! Então é uma boa alfinetar a luva tirada com alfinete grande (desde de fralda), ou então já de antemão costurá-las nos fins de um cordel que passa entre as mangas do casaco: tirou a luva, fica pendurada no cordel, não estorva a atividade que tenhas a fazer, e a tens na mão imediatamente ao se vestir novamente, certo? ?

Calças: distinguindo entre material apropriado, sempre melhorado e moda, uma coisa é certa: o melhor material é o mais adequado, pois dura. Não falando do esporte de esqui, onde as calças compridas são as adequadas, na montanha, devido a flexibilidade exigido do escalador, especialmente nos joelhos (!) as calças tipo meia bombacha, isto é, que passem apenas um tanto abaixo dos joelhos, sendo ali fechadas, e levando adiante meias compridas, é o acertado; o resto é conversa! Zipper? Bom, se houver onde pegar, quando faz frio. Ceroulão? Não tenha vergonha de usar: é "de velho", mas esquenta, especialmente de noite. Estando com frio, não se pode dormir (salvo o sono eterno!) então massagem do membro, nem que seja no espaço apertado dentro da barraca, incomodando o companheiro, paciência! Use o princípio "da cebola", isto é: diversas cascas uma encima da outra. Gorro: para o frio a cobertura mais adequada, indo mais, se passa até o peito, deixando abertura apenas para o rosto — ou até só para os olhos. — Se usar chapéu, passa um cordel embaixo do queixo, costurado nas partes laterais acima das orelhas. Com o vento de ericar careca, o chapéu não voará. Bolsos? Claro, tanto nas calças como nos casacos: chocolate, bussola, papel higiénico, lenço, Band-Aid etc. têm que ser a mão. Fecháveis a zipper. — Sapato de sobre: se a excursão (de alguns dias) começar num morador amigo da gente (a gente FAZ ele ser amigo mediante brindes, trazendo encomendas, usando gestos gentis — é tão fácil!) deixe ali um par de sapatos comidos com meias, pois após dias e dias nos sapatos de montanhas não existe coisa melhor do que arrancar a bota e descansar os pés!

Na outra edição tem mais TCHAU

MARUMBY TROPHY

serra do mar 85 

"UMA MARATONA NAS SELVAS"

Nos últimos dois anos o Clube Paranaense de Montanhismo vêm dedicando especial atenção as atividades que envolvam a natureza e as montanhas. No ano passado tivemos a Corrida Rústica Curitiba X Morretes, numa extensão de 90 km, através da Estrada da Graciosa, uma prova que sem dúvida empolgou a todos que participaram, despertando o interesse por esta nova modalidade de esporte, junto a natureza.

Visando reprimir o sucesso da promoção do ano passado, é que nasceu este ano o desafio do "Marumby Trophy", para perpetuar a tradição das caminhadas competitivas, porém com uma grande vantagem. A promoção deste ano unirá o útil ao agradável, pois conciliará as salutaras caminhadas com a prática do montanhismo.

As primeiras grandes dúvidas que surgiram ao lançar a idéia do "Marumby Trophy" foram: onde? Quando? e de que forma? a atividade será realizada. Após exaustivas conversas com o companheiro Vitamina, revendo suas memórias escritas e álbum fotográfico, consolidou-se a idéia de que a Serra do Marumby, seria a melhor escolha. A idéia foi lançada no Clube, e obteve de imediato adesão de todos, e decidiu-se que o "Marumby Trophy" seria uma prova de montanhistas terão a oportunidade de colocar em prova sua resistência física e mental, além de testar sua técnica em grandes caminhadas.

Após os estudos preliminares de mapas e caminhos que comporão trechos do roteiro, através de informações dos companheiros veteranos Vitamina, Querosene e Antoninho Palmiteiro, partiu-se para o árduo trabalho de demarcar o caminho, pela densa mata da Serra do Mar.

Na primeira investida para a demarcação, as coisas não andaram bem. Primeiramente o trem atrasou em Vêú da Noiva, atrasando a expedição, que acabou perdendo o caminho do Vale entre o Boa Vista e o Leão, quando conseguiram chegar, já era hora de voltar. A investida aconteceu em duas equipes, a outra equipe seguiu pela picada do Pelado, chegando a cascata dourada. Não foi possível cumprir o objetivo de abrir um caminho direto entre o Leão e o Pelado.

Nestas alturas, já corria dentro do Clube, camisetas, adesivos, e cartões do "Marumby Trophy" e tratamos de dar continuidade marcando um segundo ataque, afim de demarcar a picada. Descemos a face oeste do Leão em direção ao Pelado, passando por campos com banhados, depois vegetação baixa, bambús, caraguatás gigantes (Daquelles de provocar cortes profundos nas mãos, braços e pernas). Chegamos sobre uma parede, deparando com um abismo abaixo de nossos pés. Voltamos e tentamos nova rota, e com um pouco de sorte deparamos com um vale, que tinha em seu vértice um rio seco. Foi a injeção de ânimo que faltava e começamos a descer confiantes, mas a alegria durou pouco, pois alguns metros adiante, surgiram cascatas secas de 10 a 15 metros abaixo de nós. Retornar-mos até o local onde encontramos o vale e seguimos em frente. O caminho era formado de paredes cobertas com mato, bambús em profusão e caraguatas, até que chegamos ao fundo do grande vale. Fizemos um lanche descansamos um pouco e retornamos a base, sem ter conseguido avançar naquela faixa de mata densa e rebelde.

Na terceira investida, sempre com o inseparável facão, caindo em cima de touceiras para abrir caminhos, e com um punhado de fitas plásticas vermelhas, para demarcar o caminho, as duas equipes finalmente, se encontraram formando uma nova rota entre o Leão e o Pelado.

Toda esta narrativa que você acaba de ler, é apenas um pequeno trecho do "Marumby Trophy" e possivelmente quando este boletim tiver chegado em suas mãos, tantas outras investidas terão sido realizadas e outras estarão por fazer. O trabalho é de equipe, que atacam o percurso em grupos por várias rotas diferentes, enquanto alguns abrem a picada pelo lado do Marumby, outro grupo ataca por Piraquara.

Para se ter uma idéia da extensão do "Marumby Trophy" acreditamos que o percurso final atinja 40 Km de extensão, divididos em 20 km através de montanhas, andando por campos alagados, leito de rios secos, subindo onze picos diferentes e mais 20 km por estradas rurais. O trecho cobrirá um dos locais mais notáveis da Serra do Mar, que é o Conjunto Marumby, dormiremos em um dos locais mais altos, frios e desprotegidos da serra, e ainda contaremos com temperatura desfavorável desta época do ano. Na estiação do inverno que seca praticamente todos os rios da serra, a temperatura chega facilmente, durante a noite a -6º graus e somados a uma mochila as costas com provisões para dois dias e ainda com os objetivos que deverão ser cumpridos durante o trajeto, acreditamos que o "Marumby Trophy" será coroado de pleno êxito, e fará jus ao nome que deu-se a prova. Desde já, contamos com a colaboração de todos os Membros do Clube Paranaense de Montanhismo, para participarem desta atividade, o regulamento e o croquis estão aí para conferirem o Percurso e as regras do jogo.

REGULAMENTO DO MARUMBY TROPHY

- O roteiro a ser seguido é o do mapa anexo, não há proporção nos tamanhos, muito menos, escalas de orientação ou distância.
- A largada será dada no dia 27/07, às 08:00 hs. no pátio da Estação Ferroviária de Piraquara e a chegada na praça de Porto de Cima. A marcação de tempo durante o percurso, quando houver, será sempre pelo último elemento da equipe a chegar.
- As equipes serão formadas de 2 ou 3 elementos, sendo obrigatório que todos registrem presença nos pontos de senha, que serão: Morro do Pelado, Angelo, Torre dos Sinos, Esfinge e Abrolhos. Será obrigatório que todo o material, levado por cada elemento, chegue ao final da prova, lembrando porém, que nos caminhos de Ida e Volta, (Ex: Cascata Dourada/Pelado/Cascata Dourada) as equipes poderão largar o material e resgatá-lo na volta.
- Poderão haver pontos de fiscalização, aqui não mencionados, e que tais pontos, poderão ter livros para assinatura, senha adesiva ou mesmo um fiscal.
- Haverá bivaque obrigatório no Boa Vista, onde haverá uma tomada de tempo parcial para chegada e novo registro para saída. Caso não se tenha conseguido chegar a este ponto até as 19:00 hs do dia 27 as equipes deverão bivacar no local em que se encontrem neste horário.
- O material é livre, cabendo a cada equipe levar o que e quanto quiser.
- Não é permitido elementos de apoio para atuarem como carregadores.
- Subentende-se que, todos os participantes, conhecem o caminho.
- Haverá equipes de apoio e resgate, em caso de acidente, cada elemento, deverá valer-se de um foguete 3 tiros que será entregue a cada participante. Obs.: O uso indevido, deste foguete, acarretará em grande prejuízo técnico e competitivo da prova.
- A premiação será feita na Quarta-Feira dia 07/08 na sede social do Clube.
- Os prêmios serão materiais de montanha.
- As alterações que ocorrerem neste regulamento, serão avisadas nas reuniões sociais da Quarta-Feira.
- A princípio, tudo o que não foi explicito neste regulamento, será tomado como válido, cabendo a diretoria do C.P.M. estudar os casos especiais que venham a ocorrer.

Notas & Notícias

No dia 13 de julho é comemorado oficialmente o aniversário do Pico Paraná (Vide matéria nesta mesma edição sob o título O EVEREST PARANAENSE). Como este dia caíra num sábado, o Clube Paranaense de Montanhismo, estará promovendo uma grande subida até o cume do Pico Paraná, com saída prevista em frente da sede do Clube, à Rua Des. Westphalen no.16, às 7 horas. As adesões deverão ser feitas até o dia 10 de julho (Quarta-feira) com o João Carlos, para que seja possível providenciar condução aos participantes. Todos deverão levar material para pernoite (Redes, sacos de dormir ou barraca) pois o retorno se dará somente no domingo, dia 14 de julho. Os participantes ficam sujeitos, a colaborar com o combustível do automóvel em que for conduzido, mediante rateio.

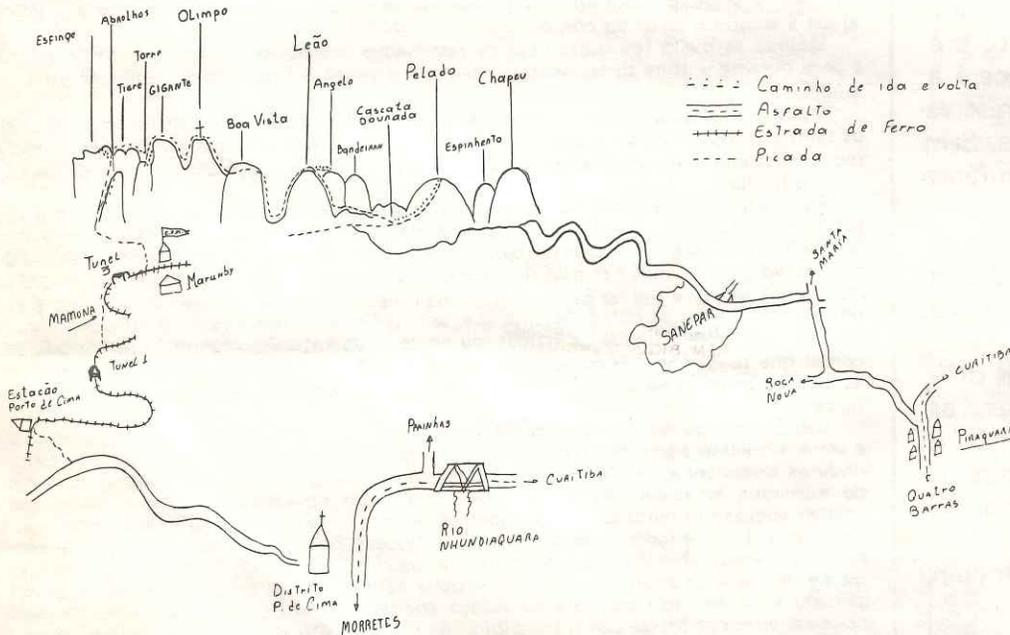
João Carlos de Lima
Secretário-Geral do CPM

Como todos os anos no dia 10 de maio, aconteceu o XII Jantar da Montanha, dando abertura oficial a temporada de montanhismo no Paraná. O evento ocorreu no Restaurante Cascatina, em Santa Felicidade, que se mostrou pequeno, para comportar todo o que lá compareceram. O Clube Paranaense de Montanhismo, como é de praxe nestas ocasiões montou stand, colocando em exposição fotografias, materiais de montanhismo. Após o Jantar houve projeção de slides batidos durante o último Festival de Escalas, e logo após, aconteceu a entrega do Troféu Granítico, e um bellissimo desenho do Professor, aos vencedores do Festival de Escaladas. (O 1º lugar ficou com a dupla Tofú e Ivan). Para encerrar o Dr. Dálio Zippin, prestou significativa homenagem ao colega Francisco Kava Sobrinho, falecido no início do ano, na Ilha do Mel. A nota de destaque, fica para o Dr. Paulo Henrique Schmidlin (O Vitamina) que distribuiu a todos os presentes o Boletim do XII Jantar da Montanha, relatando todos os acontecimentos de expressão ocorridos durante o ano. De lambuja, ainda agradeceu todos, com criativo croquis, do Conjunto Ibiterruçu (Aquele do Pico Paraná). Houve ainda as vendas de camisetas, comemorativas ao Jantar, e ao Marumby Trophy, que simplesmente desapareceram em minutos, tal foi a procura. Quem tinha manequim 52 dançou, pois as camisetas além de poucas, não foram feitas neste número.

João Carlos de Lima
Secretário-Geral

Para aqueles que não se julgarem aptos a participar do MARUMBY TROPHY (Vide matéria-MARUMBY TROPHY-UMA MARATONA NAS SELVAS, nesta edição) o Clube está patrocinando uma atividade paralela, que será a descida de Vêú da Noiva a Porto de Cima, através do histórico caminho do Itupava. Os que tiverem interesse na atividade entre em contacto com o João Carlos, no clube até dia 24 de julho (Quarta-feira) para que seja possível a autorização junto a Rede Ferroviária, para caminhar sobre determinado trecho pela linha férrea. Esta autorização é nominal, e quem não a possuir, não poderá participar da atividade. O Passeio Via Itupava, "sairá da Ferroviária de Curitiba, às 7:00 horas (sábado) do dia 27 de julho de 1985. Os participantes deverão descer na Estação do Vêú da Noiva, de onde se iniciará a caminhada a Porto de Cima, através de picadas, da linha férrea e de estradas. O percurso é de mais ou menos 20 km, e é aberto a todos, independente de idade, ou sexo, pois se trata de uma caminhada de lazer. Todos deverão trazer material para pernoite (saco de dormir, barraca, rede, etc..) que se dará em Porto de Cima, no sítio da Olga. No domingo, dia 28 de julho haverá recepção aos integrantes do Marumby Trophy, que deverão chegar pela manhã, para juntar-se ao nosso grupo e juntos promovermos uma verdadeira confraternização montanhística. Compareça.... Você não vai se arrepender.

João Carlos de Lima
Secretário-Geral



DESTAQUES DO MÊS

Aniversariantes do Clube Paranaense de Montanhismo do mês de:

Aos aniversariantes nossos votos de Felicidades e de muitas escaladas.

JUNHO

6. Aroldo Julio Cini (Querosene)
8. Aniversário de Fundação do C.P.M.
9. Marcos Iwamura (Hopisin)
15. Vinicius Martins

17. Dr. Dálio Zippin Filho
19. Claudio José Beltrão
24. Julio Cesar Nogueira da Luz
28. Guilherme Zippin

JULHO

01. Kalil Alberto Hamud.
08. Márcia Hinz.
17. João Carlos de Lima.
20. Dino José Almeida de Camargo

20. Benjamin Ferreira Junior

19. Marcelo José Boro
25. José Ribamar Fleming da Costa Jr.
29. Rossana de Almeida Reis
30. Roberto Camargo Nielsen (Camêlo)

"BITO"

Em continuidade ao trabalho que visa recuperar, parte do acervo histórico e cultural do montanhismo paranaense, através de publicações sistemáticas de depoimentos e entrevistas, daqueles que fizeram e fazem o nosso montanhismo é que trouxemos nesta edição o nome de um jovem alpinista que muito contribuiu na prática e na divulgação do montanhismo. A nova geração de montanhistas, em especial, depositam grande respeito e admiração por ANTÔNIO CARLOS MAYER, ou Bito, tido como um dos grandes nomes do alpinismo no Brasil. Bito nasceu em Curitiba, em 5 de julho de 1957, filho de Albino Mayer e Odila Mayer, e traz seu apelido, desde os tempos de infância recebendo por ser "meio pesado", o apelido de Chumbito que mais tarde, graças a mania nacional de abreviar tudo, resultou no atual Bito. Até os treze anos de idade, viveu em Alegreto, Rio Grande do Sul, onde vivia em constante contato com a vida ao ar livre, o campo, a fauna, e a flora local.

Certa ocasião acompanhou o pai numa pescaria, fato acabou se tornando na farsa que faltava para incendiar a fogueira. Dai para frente a sede de mato era tanta, que resolveu ingressar no escotismo, onde permaneceu alguns meses, até descobrir, que sabia mais que eles. Mais tarde voltou para Curitiba, dando continuidade aos seus estudos. Em janeiro de 1970, num belo fim de semana, resolveu conhecer, em companhia de três colegas, o então desconhecido (para eles) Marumby. O quarteto resolveu subir o Abrolhos, num passeio que prometia ser um sucesso, se não fosse o fato de na descida, terem entrado na picada do rio seco, que obrigou o destemido quarteto a mais de seis horas de penosa caminhada, até chegarem a Estação do Marumby. Naquele dia, Bito jurara, por tudo que é santo, que não voltaria mais ao Marumby.

De fato, como todo montanhista que se preza, no dia 14 de março voltava ao Conjunto e fazia a sua primeira escalada "Técnica" a Bandeirantes no mesmo Abrolhos. Dai para frente, não sossegou mais tendo virado todos os cantos da Serra (Serra da Prata, Pico Paraná, Arenitos de São Luiz do Purunã, algumas grutas etc...).) e que culminou com a 1ª. Expedição Brasileira em 1973, ao Pico Illimani (Face Oeste) na Bolívia, onde escalou gelo pela primeira vez, acompanhado dos amigos Danilo, Leonel, Inglês. No Brasil, conheceu quase todas as montanhas escaláveis incluindo-se aí, à "Pássaro de fogado" no Rio de Janeiro, tida como uma das escaladas mais difíceis no Brasil.

Em meados de 1970, Bito e mais alguns amigos, resolveram conhecer o Anhangava. Sairam de Quatro Barras, traçando uma linha reta até algumas paredes que viam a distância e que não tinham a certeza ser o Anhangava, pois ninguém em Quatro Barras, sabia onde era o tal morro. Anhangava. Os nativos apenas conheciam o Morro da Santa. Na falta de informações mais precisas, saíram transpondo fazendas, casas, riachos, correndo de cachorros, até chegarem a almeçadas paredes. Esgotaram todas as possibilidades que as pedras ofereciam escalando sempre com segurança de cima, pois a maioria das escaladas não estavam grampeadas.

Bito é um incansável defensor da "escalada com segurança de cima", pois acredita que este sistema de escalada oferece mais vantagens do que as rotas pré-estabelecidas (grampeadas). A Escalada com segurança de cima, oferece condições supremas e de todos os níveis ao montanhista, que não precisa seguir uma linha préfixada, ganhando assim mais liberdade nos movimentos, que por consequência tornam-se estes movimentos mais harmônicos. Com este sistema, o montanhista pode escapar naturalmente das situações que a pedra lhe impõe, de acordo com a sua situação, condição e capacidade afinal, "a montanha não é um inimigo a enfrentar e sim um amigo a frequentar". Bito cita o caso da Principiantes (no Anhangava) escalada que muitas vezes subiu em livre com segurança de cima, sem maiores dificuldades, até que um dia colocou-se em verdadeiro paliteiro no local, disvirtuando uma belíssima rota natural. Bito, vêm de um tempo, onde o importante era escalar e conquistar, pouco importando se batia-se ou não grampos. Hoje em dia, existe a mania de considerar-se rota conquistada somente as grampeadas, que muitas vezes levam nomes pomposos, e que nem sempre são concluídas, porque seus autores não conseguem entender que alpinismo não é uma coisa doméstica. Alguns montanhistas infelizmente estão mais interessados em publicidade em torno de seus nomes, em entrarem para a posteridade batizando alguma escalada, do que propriamente, em escalar.

Na década passada, Bito recorda-se que o montanhismo era feito "meio na louca", laçava-se grampo, amarrava-se corda na cintura, usava-se de tudo que é meios e artifício para subir todo mundo se bitolava no Anhangava. Nesta época conheceu Leonel Mendes, com quem iniciou uma parceria, que perdurou por muitos anos. Leonel na época, não praticava alpinismo com frequência, mas tinha sólidos conhecimentos de tudo que se passava no montanhismo europeu e americano, através de revistas e periódicos que recebia. Assim começou, uma espécie de intercâmbio de informações onde Leonel entrava com os conhecimentos teóricos e Bito com conhecimentos práticos. A dupla tinha uns lances pitorescos, pois quando iam a montanha, invariavelmente um vestia uma camisa verde, e outro uma camisa amarela, o que naturalmente provocava risos e gozações por partes dos colegas. Engraçada ou não, a dobradinha verde-amarela era incansável, e entre outras escaladas fizeram todas as fendas da Esfinge, a Oeste em todas as suas formas e todas as escaladas do Parque do Lineu, também foram escaladas por Bito em forma de solo.

A dupla, além de esforçada era até certo ponto pretenciosa, pois almejavam atualizar o montanhismo paranaense, colocando-o entre um dos melhores do mundo. Mas esta pretensão, era no sentido de não se subestimarem. Bito em muitas ocasiões chegou a passar a imagem de arrogante, por suas posições neste sentido.

Esta vontade ferrenha de evoluir e melhorar, levou Bito a pensar na criação de um Clube onde os aficionados do esporte, pudessem conversar, trocar idéias e se atualizar. Bito recorda que era frustrante ver os jovens da década passada irem para o Marumby, passando seu tempo entre "bebedeiras e mulheres" enquanto os veteranos dedicavam-se as suas caminhadas, que também interessavam aos jovens. É verdade, que este problema existe hoje em dia, mas com uma diferença fundamental, que entre as "mulheres e bebedeiras" existe um bom grupo de jovens interessados e que praticam alpinismo.



Bito, em foto batida no transcorrer do Festival de Escalada ocorrido em maio/85 no Anhangava.

O Clube Paranaense de Montanhismo, nasceu de uma brincadeira de criança, um sonho, que aos poucos foi ganhando contornos de realidade. O Clube, passou alguns anos sem ter existência jurídica (estatutos registrados, atas, etc...) mas tinha existência física. Deu-se o nome, criou-se o distintivo, que aliás, foi extraído de um Clube de Montanha do Canadá. Para que o distintivo, não fosse exemplo de um plágio gritante, providenciou-se algumas mudanças trocando-se a neve que existe no original por nuvem, e o pinheiro canadense por uma regionalíssima araucária. Bito acha, que o Clube atualmente, atingiu uma proporção difícil de acompanhar, talvez, por estar afastado algum tempo do Clube pois mora em outro Estado. Mas, apesar de não poder sentir toda a realidade em torno do CPM, acha que o Clube está bem assessorado, e tem bons amigos, como a ADEA, ITC, SUREHMA, SECRETARIA DO INTERIOR entre outros, e isto é muito promissor.

Quanto aos sócios, sentiu que a gurizada (que me desculpem) está muito devagar. Falta pique pra moçada. Outro problema é a desunião, formação de alguma "panelinha", autoridade no sentido de ter que esperar uma ordem para aprender, quando a pedra está aí, bastando apenas ir a ela. O pessoal confunde alpinismo com "boulder", que não passa de uma brincadeira para passar tempo. Quem sobe o meio fio de uma calçada, ou tropeça numa pedra está fazendo "boulder". Que não fiquem perdendo tempo, medindo quem tem melhor técnica pois de nada adianta saber fazer um 10º grau Sup. se não consegue transcender o maior amor por aquilo que está fazendo.

Bito, sempre soube se relacionar muito bem com os jovens, porisso, ao término desta entrevista, solicitamos, que transmitisse um pouco de sua experiência a nova geração de montanhistas, através de algumas palavras. Finalizou esclarecendo que a base de seu entendimento com os jovens, sempre foi respeito recíproco, e não ficar "podando" os meninos, cada vez que tentam externar sua vontade, não o seguissem, e tampouco copiassem outros alpinistas. Usem de toda a sua espontaneidade e liberdade para criar e acrescentar, que não coloquem ninguém em pedestais distantes demais, pois a distância acaba impedindo de ver, do que esta pessoa é feita. Só se aprendem a escalar indo a pedra, de outra maneira a coisa não acontece. Ir a um Clube não basta, mesmo porque um Clube somente será de montanha, a medida que seus sócios frequentarem a montanha. Vençam suas próprias limitações, quebrem seus próprios records, lembrando que só vai ser alpinista, quem estiver na pedra. Quando descer, enrolar a corda, a coisa transforma-se em papo e marola. Stamp, já dizia, quem quer escalar "pega a mochila e se manda".

João Carlos de Lima
Secretário Geral do CPM

Com o final de mais um curso básico de alpinismo, estamos sentindo que nosso objetivo foi plenamente atingido, pois muitos dos que participaram do curso se tornaram montanhistas. Para se ter um bom montanhista é elementar que se domine-se a técnica, e este curso que agora se finda, teve o intuito de mostrar estas técnicas. O curso evidentemente não nos ensinou tudo sobre alpinismo, mas procurou ensinar os conhecimentos mínimos necessários, para uma pessoa começar a frequentar a montanha, com segurança, daqui para frente, muito há de se aprender, mas, na prática e por vontade própria. O Clube já cumpriu seu papel, que foi iniciar os jovens na arte, o aperfeiçoamento cabe a cada um. Dos 22 inscritos que iniciaram o Curso, apenas 9 chegaram ao final, concluído inteiramente o programa elaborado. Nossos parabéns, aos formados pela vontade e o interesse demonstrado no transcorrer do curso, e fica a certeza, que saberam aplicar muito bem o que aprenderam. Aqui estão o nome dos novos Guias-básicos do C.P.M.:

- 1 - ANGELA CRISTINA MARQUES
- 2 - BASILIO TECHY
- 3 - CASSIO FREITAS PEREIRA DE ALMEIDA
- 4 - FRANCISCO LIMA WESTEPHALEN
- 5 - HENRIQUE DE AGUIAR
- 6 - JOSÉ RIBAMAR FLEMING DA COSTA JUNIOR
- 7 - MARCIA HINZ
- 8 - RICARDO LINS DE BARROS ESSENFELDER ABRAHÃO
- 9 - ROSSANA DE ALMEIDA REIS

Agora chega de papo e vamos partir para as pedras...

Celso Roberto Kava (Kavinha)
Coordenador do Curso

VOTO DE LOUVOR

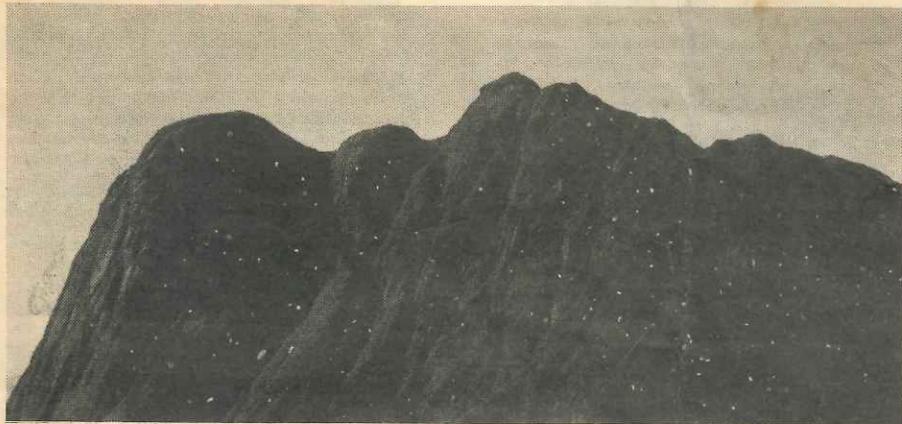
Nossos parabéns, ao colega Celso Roberto Kava, o Kavinha, que tão bem soube coordenar e conduzir o Curso de Montanhistas do ano de 1985. O Cronograma traçado foi cumprido na mais estrita ordem, com todos os itens seguidos a risca. Aos guias que colaboraram, dispendo de parte de seu tempo para ensinar os alunos, nossas congratulações também.

A Diretoria

A Diretoria do Clube Paranaense de Montanhismo, tem a grata satisfação de apresentar os novos associados do C.P.M. que ingressaram no Clube nos meses de maio e junho de 1985, passando a integrar o quadro de associados do C.P.M. Aos novos amigos, nossas calorosas boas vindas.

- Márcia Hinz
- Cássio Freitas Pereira de Almeida
- Cláudio José Beltrão
- Henrique de Aguiar
- Cesar Augusto Godoy
- Maurício Buess
- Thiago Wassmansdorf
- Francisco Lima Westephalen
- Ricardo Lins de Barros E. Abrahão
- Rossana de Almeida Reis
- Wilson Shigueru Miwa
- Wilton Shigueru Miwa
- Sérgio Augusto Machado
- Benjamim Ferreira Junior.

PICO PARANÁ O EVEREST PARANAENSE



UNIÃO, IBITIRATI, PICO PARANÁ.

O pico Paraná é testemunha de espetacular façanha montanhista no Brasil, só superada recentemente pelo Neblina. É o que tentaremos relatar neste debuxo histórico.

O pico do Paraná é o único que podemos afirmar ter registro de nascimento e que aconteceu em 1940 por obra e lavra do geólogo alemão Reinhold Maack, que em suas determinações à respeito da tectônica da Serra do Mar, fez algumas observações estarecedoras:

"que as medições e os cálculos revelaram que o pico Marumbí tem a altura de 1.547 metros e não 1.800".

E, adiante, em seu comunicado oficial ao Instituto de Geografia, completou:

"ao mesmo tempo a descoberta da montanha mais alta do Paraná descoberta por não ter nome algum, dei o nome de pico Paraná".

A seguir, ratifica os procedimentos feitos, esclarecendo:

"A altura obtida trigonometricamente foi controlada pelo pico Marumbí mediante medições de ângulos de profundidade, sendo integrada por uma série de observações de pressões barométricas e hipsométricas".

A notícia causou sensação nos meios científicos e impacto sobre os grupos esportivos especializados, estimulando o "animus-marumbinista para alcançá-lo e desbravarem uma região fecunda de colossos mais elevados que o Marumbí.

Importante salientarmos as dificuldades físicas daquela época e por isso recuaremos no tempo para reproduzirmos as condições locais.

A Serra do Mar é uma formação rochosa vindo do norte do Brasil e descambando até o Rio Grande do Sul. Constitui-se numa verdadeira muralha ciclópica correndo mais ou menos costeando o Atlântico, separando a faixa litorânea do hinterland. Na sua porção paranaense, desde as divisas de São Paulo e Santa Catarina, distingue-se nitidamente cinco maciços: o do Capivari Grande, Ibiteruçu, Mãe Catira/Farinha Seca, Marumbí/Canal e Castelhanos/Araraquara. O pico Paraná situa-se no Conjunto Ibiteruçu.

Na idade de ouro do marumbinismo, alcançado na década de quarenta, as escaladas restringiam-se exclusivamente as circunvizinhanças do Marumbí e com o comunicado do Maack, impulsionou o pessoal para as novas eminências. O diabo era como se chegar até lá!

O Conjunto Ibiteruçu ficava totalmente isolado e protegido contra qualquer incursão civilizatória. O PP, como denominamos o Paraná, estava cercado de altos picos.

Ainda não existia a 116 e nem a estrada Antonina-Guaraqueçaba. Inviabilizável qualquer ataque pelo litoral, pois, a única estrada mais próxima, era o da Graciosa, com o seu ramal São João-Antonina. As observações que Maack fez do alto do Mãe Catira, garantiam, também, a impraticabilidade pela Graciosa. Um cinturão contínuo e dominando 10 a 20 quilômetros de largura precintava o Conjunto desde as suas bases. Maack em seus estudos concluiu que a melhor investida só poderia ocorrer pelo lado do planalto. A via de acesso de maior aproximação rodoviária, ainda que precária, era a estrada da Praia Grande. Seguiu-se pela Graciosa até a altura do "alto-da-

serra" (restaurante do Elpidio) e ali desviava-se para esquerda, por mais 28 quilômetros para Taquari, Timbú, Praia Grande e Bairro Alto. Adiante separava-nos puro sertão. Não existia levantamentos aerofotogramétricos. Algumas sondagens aéreas feitas pelo Schiebler, comprovaram o acerto da abordagem pela face oeste.

Num feliz e oportuno casamento entre Maack e a dupla Musing/Stamm, ensejou a montagem de uma expedição com o intuito de alcançar o ponto culminante do Estado. Após muitas considerações e uma estimativa de provisões para um máximo de oito dias, partem animados no dia 28 de junho de 1941, com o concurso de um carro fretado e o rumo da Praia Grande, onde Maack já antes acertara o apoio de três tropeiros e animais de carga. Em seguida, dirigem-se à Terra Boa. Ali nova dificuldade técnica causada pela própria conformação da Serra, que na verdade, constitui-se em duas fileiras de cumiadas, progredindo no mesmo sentido, paralelas entre si, separados por enorme valo. A primeira formação, conseqüentemente mais próxima do seu observador, integrada pelo Ferraria, Taipabuçu, Caratuva, Itapiroca e Tucum, impediam a visão para a outra fileira de picos que incluíam o Ibitirati, União, PP, Camelos, Siririca e Agudo da Cotia. Nestas condições tornava-se difícil determinar a rota adequada para uma ascensão segura. Fazem ligeiramente escalada em um morrete próximo, mas pouca coisa conseguem vislumbrar. Terminam optando pelo ataque na extremidade meridional do Conjunto Ibiteruçu, envolvendo as cumiadas do Camacuan, Camapuan e Tucum, onde foram recompensados por irresistível panorama, num desmedido anfiteatro. No centro desse cenário alpestre envolvente, soerguia-se o impoluto pico Paraná. O visual sobre o desconhecido serviu para aumentar o anseio pelo mais alto. Até agora haviam dispendido dois dias num esforço de abrir caminho por entressachados de arbustos flexuosos, caraguatás e unhas-de-gato. Os seis expedicionários decidem-se pela continuação da marcha rumo ao objetivo tão almejado, apesar da considerável distância que ainda os separava. Logo constataram que a velocidade da marcha, mesmo com o emprego de seis pares de braços resolutos, pouco representaram na prática, apenas prolongando os sofrimentos. Não lhes restara outra alternativa do que recuarem para tentarem outra via. Debaixo do maior aguaceiro voltam ao acampamento base, para reiniciar os trabalhos no dia 07 de julho, tendo já com-

pletados dez dias. Na Terra Boa ficam sabendo da existência de um caboclo de nome Josias Armstrong que já estivera num dos picos da região, logo identificado como sendo o Caratuva (ex Getulio Vargas) e que concordou em auxiliá-los. Partiram divididos em dois grupos revezando-se cada hora na frente e no transbordo da carga. Demoraram dois dias até o cume do Caratuva onde desfrutaram de inigualável vista sobre um perfil fantástico empinado a pique do Paraná, tendo a sua frente uma possante parede de tono marrom-avermelhado, afigurando-se numa muralha sensacional. Veio também a certeza da rota perseguida. Estancaram surpreendidos pelo fastígio das montanhas. Cuidadosas reavaliações confirmam a trajetória que deve prosseguir por uma apreciável bocaina, separando as vertentes do Caratuva e Paraná, terminando em uma estreita selada recheada de terríveis despenhos. Novos aguaceiros forçando a outro recuo até a base envolvendo mais dois dias. Dia 12 de julho, já com dezesseis dias de operações, novo ataque para transmontarem o Caratuva e inflitirem por impervios refertos de bromélias espescentes e outros percalços. A expectativa do desconhecido no talvez felizmente assegurou-lhes a passagem. Vararam-na por uma estreita faixa numa combinação de salientes e reintrantes, galgando terreno escabroso até o Pouso Avançado, no Campo Inclinado (atual Abrigo de Pedra) transmutando-se a flora. Maack permanece envolto em seus instrumentos, anotações e cuidadosas observações enquanto Musing/Stamm e mais um tropeiro desejam explorar um pouco adiante, apesar do adiantado da hora. Breve o terceiro acompanhante retorna exaurido. Os dois escaladores persistem, apesar das imensas dificuldades intercorrendo paragens inéditas por entre fragais de granito expostos, radiculas e vegetação virente sobressaindo-se as copas baixas das vilosidades entumecidas dos caratuvos. Próximo ao final, num estreito rechã, assoma uma parede vertical cindida por intrigantes traços silhares dando a impressão de hieroglifos ou mensagens cabalísticas... Finalmente, logram alcançar o páramo descalvado do Paraná com seus 1965 metros. Deixam uma placa provisória trazendo gravado o nome de todos os expedicionários. Estavam no dia 13 de julho de 1941. Os gritos de euforia ecoaram pelos desfiladeiros e quebradas, alcançando os demais excursionistas.

Estava conquistado o ponto culminante!

O retorno procedeu-se pela rota de até então enquanto não surgia a 116: de Terra Boa por trilha de muares até Cacatú, e dali, em canoa-derecho para Antonina onde apanharam o "Flecha" até Curitiba desembarcando no dia 19.

A segunda escalada aconteceu quatro anos depois (18/04/1945) pelo Hatchbach, Biesemayer, Schiebler, Pereira e Josias Armstrong. Maack só pode alcançá-lo em 27 de julho de 1946. E, as primeiras mulheres foram a Ely Claassen (mãe da Ilze, de Morretes) e Rosemarie Blohm.

Atualmente, para se chegar ao PP é agarrar a 116, após o cruzo da Graciosa, alcançar o posto do Doca (11 km adiante) e prestar atenção enquanto roda mais 2,6 km passando uma ponte e ao chegar na cabeceira da segunda ponte (rio Tucum), apanhar uma estrada de terra que parte da cabeceira, pela direita, e seguir mais sete quilômetros, até o antigo sítio do Belizário. Escalada para 5 horas para se vencer os 7.680 metros de chão. Praticável para programa de um dia (antes gastava-se quatro dias).

A abertura do desvio da "Sela" pelo Pugsley e Adyr, terminou com a obrigatoriedade da escalada do Caratuva.

Quarenta e quatro anos nos separam!

Dr. Paulo Henrique Schmidlin
Vitamina

